

EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: INCLUSÃO SÓCIO-CULTURAL ATRAVÉS DO CANTO ORFEÔNICO (CORAL).

NON-FORMAL EDUCATION: SOCIOCULTURAL INCLUSION THROUGH ORFHEONIC SINGING (CHOIR).

LUCIA HELENA FARIAS BEZERRA RIBEIRO. Aluna do curso de pós-graduação da Faculdade Drummond de Andrade – SP, do Curso de capacitação para Docência do Ensino Superior Tecnológico.

Endereço: Av. Júlio Prestes, 633 – ap. 38 B

Bairro: Vila Galvão

CEP: 07063-010

Cidade: Guarulhos

Estado: São Paulo

País: Brasil

E-mail: lucia.rib2@gmail.com

Telefone: 55-11-7617 5568

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo abordar a Educação Não-Formal como inclusão sócio-cultural, sendo que o modelo utilizado para este tipo de educação foi o canto orfeônico (coral) como ferramenta de sociabilização, arte e cultura. O grupo orfeônico demonstrado como exemplo neste trabalho existe há 27 anos, originário da zona norte de SP e denominado “Ecoart”, tendo como filosofia propiciar a seus integrantes qualidade de vida, influenciando-os na apreciação artística e motivação social, independente de faixa etária, condição cultural e escolar ou financeira. Desta forma fica caracterizado que este modelo de educação não-formal auxilia a construção da cidadania dos participantes através do acesso à cultura, à arte e à informação. Os dados apresentados foram colhidos por meio de apresentações públicas assistidas pela autora e também por entrevistas feitas com alguns coralistas e com a regente do coro. A abordagem metodológica é um estudo qualitativo de caráter exploratório combinado com a história oral. O embasamento teórico para educação não-formal tem como autor principal Gohn.

Palavras-chave: Educação não-formal, canto coral, inclusão sócio-cultural e educação musical.

ABSTRACT

The paper presents a study about the non-formal education as a sociocultural inclusion, and the model for this type of education was the orpheonic singing (choir) as a tool socialization, art and culture. The group orfeonic shown as an example in this paper there for 27 years, originating in the northern part of S.P. and called “Ecoart”, having as philosophy offer its members quality of life, influencing them in artistic appreciation and social motivation, regardless of age, school and cultural condition or financial. Thus this model is characterized non-formal education helps build citizenship through access to culture, art and information. The data presented were collected through public presentations assisted by the author and also by interview with some singers and the conductor of the choir. The methodology applied is an exploratory character qualitative study combined with the oral history. The theoretical basis for non-formal education has as its principal author Gohn.

Keywords: Non-formal education, choral singing, socio-cultural inclusion and music education.

INTRODUÇÃO

O termo Educação Não-Formal discutido neste trabalho é sempre comparado à Educação Formal e também usado por educadores como Educação Informal, mas cada um deles tem suas particularidades e especificações. Para isso é necessário distinguí-los como:

Educação Formal é aquela desenvolvida nas escolas com cronograma e conteúdo programático exigidos pelo MEC, conceitos de avaliação, etc., objetivando na conclusão do curso uma certificação reconhecida pelo órgão competente;

Educação Informal é aquela que se desenvolve mais precisamente na família, com regras de costumes e educação. É também desenvolvida na comunidade, nos clubes, igrejas e em locais de lazer, carregando valores próprios e culturais;

Educação Não-Formal é aquela que se desenvolve além do banco escolar e da família, através do compartilhamento de experiências tendo como objetivo principal a cidadania.

Segundo Gohn (1999 – p. 91), até os anos 80 a educação não-formal não era interessante para o nosso governo. Em alguns momentos cogitava-se sobre ela, mas a mesma era vista apenas como uma extensão da educação formal e era desenvolvida sem a menor preocupação em espaços exteriores às unidades escolares.

Hoje a educação não-formal veio para ficar e para Simson (2001, p. 9), na integra, ele acredita que ela abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado de aprendizado, ao contrário da educação formal.

A educação não-formal se caracteriza por não possuir a obrigatoriedade de desenvolver um currículo previamente definido e sim o desenvolvimento baseado em desejos, necessidades e interesses das pessoas que constituem os grupos envolvidos em ações e práticas neste campo educacional, sempre focando o enriquecimento da biografia do indivíduo.

Assim, como exemplo de educação não-formal, o presente trabalho tem como finalidade abordar o canto orfeônico (coral) como uma ferramenta de sociabilização, arte e cultura, estabelecendo algumas considerações reflexivas a respeito desta prática musical.

Metodologicamente, este trabalho é uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório combinado com a história oral.

Para FUCCi (2007): *“O canto coral configura-se como uma prática musical exercida e difundida nas mais diferentes etnias e culturas. Por apresentar-se como um grupo de aprendizagem musical, desenvolvimento vocal, integração e inclusão social, o coro é um espaço constituído por diferentes relações interpessoais e de ensino aprendizagem, exigindo do regente uma série de habilidades e competências referentes não somente ao preparo técnico musical, mas também à gestão e condução de um conjunto de pessoas que buscam motivação, aprendizagem e convivência em um grupo social”*.

O CANTO ORFEÔNICO COMO MODELO DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

A educação de um modo geral não pode ser somente associada à escola. Ela é uma necessidade básica, um processo contínuo que além de estar presente dentro das escolas, está também presente no cotidiano de cada indivíduo.

Integrada à educação, a educação não-formal é aquela voltada para o ser humano como cidadão do mundo, homens e mulheres independente de idade, cor, raça, opção sexual, religião e status social. Ela objetiva a emancipação do indivíduo por meio de uma pedagogia diferenciada e libertadora, voltada para a igualdade, democracia, justiça e inclusão social, sendo ensinada pelo exercício da cultura.

Resumidamente a educação não-formal é um modelo de educação para a cidadania e como exemplo deste tipo de educação, apresento neste trabalho o coral Ecoart, existente há 27 anos, originário da zona norte de São Paulo.

O Ecoart tem como regente a musicista e professora Lydia de Godau Pereira, possuidora de uma extensa formação musical inclusive internacional e um vasto currículo profissional.

Segundo Lydia, o projeto do Ecoart começou a partir do instante em que ela própria se deu conta do quanto conhecia a respeito de regência e de experiências com regentes do interior de São Paulo e regiões e até mesmo de outros estados, por participar de várias atividades corais, só não conhecia a sua própria região: Zona Norte-SP.

Incentivada por Thelma Chan, fundadora da ARCI (Associação dos Regentes de Corais Infantis) e coordenadora do Movimento de Regentes da Região Leste, marcou uma reunião entre os regentes da zona norte que tivessem algum interesse em trocar experiências, aprender mais e formar uma força coral na região norte de São Paulo.

A idéia foi bem aceita, começaram as reuniões mensais no arquivo do jornal O Estado de S.P., onde eram discutidos todos os problemas e aspirações do projeto.

Atualmente o Ecoart é composto de vários corais divididos em corais independentes e corais subsidiados por algumas instituições educacionais, todos regidos pela mesma musicista.

Afirma Lydia que *“quem participa de um grupo vocal tem a oportunidade de melhorar suas condições respiratórias, de postura, de emissão vocal, de expressão corporal, desinibição e maneira de encarar a vida, fazendo parte de uma experiência coesa e dinâmica elevando sua auto-estima, se incluindo culturalmente e manifestando o desejo nos ouvintes de também fazerem o mesmo”*.

Um grupo vocal leva ao público alegria e entusiasmo, passando energia positiva e mensagens através dos sons, transportando-o para regiões e espaços fora do âmbito de trabalho, evocando boas sensações e emoções.

Para os coralistas é uma experiência maravilhosa e isso é unânime segundo relatos de alguns deles, tanto para os mais antigos, quanto para os novatos no grupo. É a oportunidade que lhes faltava de estar em contato com o universo musical, o que para alguns era totalmente desconhecido por conta da deficiência cultural existente em suas vidas.

De modo geral para esses indivíduos, participar de um coro os leva a uma inclusão sócio-cultural de suma importância aprendendo e reaprendendo educação musical mostrando para a sociedade que são capazes de fazer arte por meio de diversos tipos de apresentações pisando em palcos jamais imaginados, homenageando datas históricas, celebridades, eventos importantes e qualquer acontecimento artístico e cultural em que a presença do canto for solicitada.

Olhando por este ângulo podemos observar que além deste bem-estar vivenciado pelos coralistas, essa inclusão faz com que cada um, ao participar de alguns eventos aprenda um pouco mais sobre arte, história, literatura, política e atualidade. Desta forma, podemos ainda afirmar que a educação não-formal é também multidisciplinar.

Em termos de saúde, cantar é fundamental para o corpo e para a alma. Assim como Lydia, diversos profissionais (professores, fonoaudiólogos, neurologistas, músicos e outros) são unânimes em afirmar o mesmo. MINNS, Manuela (2011), cita em seu artigo (Da Boca Para Dentro) publicado no caderno Equilibrio em 19/04/2011 no jornal Folha de S.P.,

“Cantar é divertido, quem não sabe. E é bem mais que isso: mexe com várias partes do corpo, faz bem à saúde. Para começar, quem canta melhora a capacidade pulmonar e o sistema imunológico, fortalece a barriga e alivia o estresse”.

O REGENTE COMO EDUCADOR SOCIAL

Freire (1983) em sua pedagogia resume o educador social como o fio condutor da formação e construção de um trabalho social.

Gohn (2009) comenta em seu artigo que o educador social atua em uma comunidade com uma proposta sócioeducativa de produção de saberes a partir da tradução das culturas locais já existentes, em confronto com a nova que se incorpora.

Analisando Freire e Gohn, torna-se possível concluir que o educador social é o profissional que atua na educação não-formal como possuidor de uma pedagogia social sempre em construção, aliada a uma consistente formação teórica-técnica-científica e não apenas ao conhecimento empírico. É necessário que este profissional sinta verdadeiro amor aos excluídos socialmente, tornando-os sujeitos históricos para que possam construir suas próprias biografias.

Neste trabalho o educador social é a regente Lydia de Godau Pereira, que tem como objetivo central fazer do coral um espaço de motivação, inclusão social e integração, realizando um trabalho de educação musical para a condução de um aprendizado artístico envolvendo um grupo de pessoas de diferentes origem e formação motivando-os e liderando-os por meio de critérios e procedimentos vocais e técnicos, valorizando o grupo, aceitando suas limitações e também as limitações de cada integrante.

O resultado esperado, é que os conhecimentos adquiridos os influenciem na apreciação artística e na motivação pessoal de cada um.

METODOLOGIA - HISTÓRIA ORAL

A metodologia de pesquisa abordada neste trabalho foi feita através de um estudo qualitativo de caráter exploratório combinado com a história oral, e esta por sua vez consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que possuem o poder de testemunhar sobre acontecimentos ocorridos em dada época, ou seja, é uma conversa entre narrador e pesquisador, não buscando uniformidade absoluta e nem a

padronização dos relatos, mas a riqueza com que cada narrador ou entrevistado tem a contar. É necessário deixar o narrador livre para falar o que quiser, sendo que o pesquisador ou entrevistador não deixe de se aprofundar em determinados aspectos relevantes narrados para a condução positiva da sua pesquisa por meio dos dados coletados.

A história oral começou a ser utilizada em torno do ano de 1950, após a invenção do gravador, nos Estados Unidos, na Europa e no México e desde então se difundiu em larga escala ao redor do mundo, ganhando cada vez mais adeptos, ampliando sua prática entre diversos profissionais como: historiadores, antropólogos, educadores, sociólogos, jornalistas, e outros.

Podemos dizer que a história oral é uma história constituída em torno de pessoas, sempre invocando a memória para a reconstituição do passado.

Em 10/07/2011, a regente “Lydia de Godau Pereira” no intervalo de uma apresentação do Ecoart, realizada no Teatro Municipal de Vinhedo no interior de São Paulo em um encontro de corais, me concedeu uma pequena entrevista baseada nos critérios da história oral.

A entrevista gravada versou sobre a formação do Ecoart, a inclusão sociocultural obtida através do canto orfeônico e o seu reflexo positivo para a sociedade.

A dinâmica da história oral foi tangida pela clareza e objetividade dos fatos narrados pela regente revelando curiosidades sobre o bem estar e saúde dos integrantes do grupo.

(Gravação em 10/07/2011 em uma apresentação realizada no Teatro Municipal de Vinhedo-SP)

Lydia de Godau Pereira fala sobre a formação do Ecoart:

“_ O Ecoart começou com a idéia de juntar vários corais, vários regentes para cursos, eu fazia muitos cursos aqui em São Paulo e fora de São Paulo onde a gente encontra regentes que vem do interior, regentes de vários lugares perto de nós que estão se encontrando pro evento para encontrar alguém de longe e a gente entre si não tem um contato, não tinha um contato de trocar idéia, de ver o que está fazendo, o que poderia melhorar na nossa região. Só se encontrava para conhecer alguém que é de fora, de outra estrutura, então, a minha idéia era reunir esses regentes na zona norte pra que a gente trocasse idéia e fizesse uma força coral, e foi assim que começou. Pus um anúncio na Zona Norte, aí apareceram vários regentes e nós começamos um movimento

de expandir as atividades e aí nós fazíamos reuniões, as “Quintas Vocais” nos encontrávamos no arquivo do “Estado” em Santana e dessas reuniões a gente começou a conhecer melhor o trabalho, até que com o tempo os regentes começaram a aparecer só para os eventos e deixava a parte do serviço só para mim e aí eu comecei a achar que não tava justo e o Ecoart ficou só meu. Eu comecei a por meus grupos vocais que cresceram muito e pra fazer parte eu convidava os outros quando interessava, então, o nosso evento era nosso, aí surgiu o projeto “Musica Vocal Sem Fronteiras” que recebe colegas do exterior e de outros Estados para trocar informações e culturas. Tenho o “Encantos de Outono” que termina o primeiro semestre, o “Vozes da Primavera” que é o encontro de corais, “Natal Tropical” onde a gente canta as músicas de natal brasileiras preferencialmente, o “Cante e Conte Conosco” onde a gente se apresenta em shoppings, asilos, hospitais e igrejas e damos workshop para as pessoas virem mais pessoas cantar, é isso.

Lydia de Godau Pereira fala como o bem-estar da inclusão sócio-cultural obtida através do canto orfeônico se reflete na vida dos coralistas:

“ _ Eu acho que este tipo de trabalho meu faz com que a pessoa aprenda a respirar melhor, aprenda a colocar a voz melhor, se socializa, a expressão física e a expressão facial melhoram muito. Com isso, tem uma espécie de família de cantores, a gente viaja junto, e eles aprendem o quê? Músicas que não estão no repertório das rádios e da TV e com isso eles crescem e vão conhecer coisas que nunca tinham visto antes, até mesmo MPB. Às vezes até uma viagem, a gente vai cantar uma música israelita por exemplo, uma música de outra língua e com isso você cresce, vai conhecer outros compositores e isso eles fazem com a maior alegria, depois que a música fica pronta eles veem como é bom e aprendem a ouvir melhor, a percepção fica melhor, você não pode gritar na sua voz que você cobre a outra, ele aprende a respeitar o limite que ele pode fazer de som de voz e afinal escutar uma coisa e cantar outra, além disso tem todo o comprometimento de estar ali com aquelas pessoas e depois o comprometimento com o público, passar para o público uma mensagem, com isso você aprende a se expressar também melhor, aí você vai saber transmitir para as pessoas o que você pensa em vez de cantar sem sentido, sem saber nem o que a letra diz. Esta é a função dos coralistas, eu acho”.

Lydia de Godau Pereira fala sobre o reflexo deste tipo de educação não-formal para a sociedade:

“ _ A gente mistura repertórios. Eu sempre procuro misturar bem para que a atenção fique sempre voltada para nós e o que nos auxilia nesse trabalho com o público para a sociedade são os gestos e a expressão, porque nós colocamos na música é o que nós sentimos em conjunto.

A função é que as pessoas que estão nos assistindo queiram estar no meio de nós fazendo aquilo que a gente faz, e é isso que a gente espera e o público aceita muito bem o nosso trabalho, porque eles ficam em silêncio esperando o que vai acontecer a seguir e com isso, a gente passa a mensagem que quer para a sociedade e a idéia é fazer com que mais pessoas sempre estejam cantando e participando de um movimento assim, que não seja o meu, mas que seja algum movimento que você cante, você pinte, você faça alguma coisa de bom para você mesmo, sem pensar tanto no trabalho ou no dinheiro ou na correria. Ali a gente pára para ensaiar É isso.

Algumas apresentações públicas assistidas



**19-12-2010 – 11hs – Natal Tropical no Parque Trianon*



**22-12-2010 – Teatro do Hospital Sta. Catarina*



**05-06-2011 – Sarau na Livraria Saraiva –*



**03-07-2011 – ECOART – Igreja Santa Cruz para integração dos grupos com a Comunidade – Trem das Onze – Samba da minha terra , Cantar Faz Feliz o Coração e Chegança*



**09-07-2011 – ECOART – Encontro de Corais em Vinhedo
Repertório : 1-Chegança – Antonio Nóbrega; 2- Swing dos Pássaros; 3- Você é Linda; 4- O samba da minha terra;*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os reflexos da educação não-formal são sempre vistos e apreciados pela sociedade de uma forma bastante positiva, apesar da coletividade nem sempre conseguir identificar a origem do reflexo obtido por desconhecimento deste tipo de educação.

Os objetivos sociais, culturais, educativos e musicais de um coral se concretizam através do respeito às relações interpessoais, tanto por parte do regente quanto dos coralistas.

O canto em conjunto é uma expressão artística muito antiga, sendo exercida e difundida nas mais diferentes etnias e culturas. Nos dias de hoje esse tipo de canto permite integrar pessoas de diferentes condições sócioeconômicas e culturais, propiciando para esses indivíduos uma nova forma de expressão tanto individual quanto coletiva.

Cantar em um coro permite também receber ensinamentos e informações básicas para a boa saúde do corpo, da mente e da voz, na convivência em grupo é estimulado um novo lazer criando um compromisso de integridade e união com responsabilidade, respeito e dedicação. Estas informações foram mais uma vez enfatizadas na história oral, a qual fez parte da abordagem metodológica deste trabalho.

Assim, a prática do canto coral além de inúmeros benefícios visa a inclusão. O indivíduo descobre e passa a vislumbrar novas dimensões sociais.

Vale a pena lembrar que inclusão social no Brasil, advinda pela cultura, apesar de já existir há alguns anos e de forma progressiva, ainda fica a desejar. É necessário mais preocupação, atenção e dedicação por parte dos gestores de políticas públicas e dos setores organizados da sociedade civil, a fim de que se construa um país mais preparado para as transformações globais no âmbito cultural.

BIBLIOGRAFIA

- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. RJ. Ed. Paz e Terra, 14^a.ed., 1983.
- FUCCI, R.C.A. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical. OPUS, Goiania, v.13, n.1, p. 75-96, jun.2007.
- GOHN, M.G. Movimentos e lutas sociais na história do Brasil. SP. Ed. Loyola, 1995.
- _____. Educação não-formal e cultura política. SP. Ed. Cortez, 1999.(2008, 4^a.ed.)
- _____. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. Meta: Avaliação / R.J., v.1, p.28-43, jan./abr.2009.
- MEIHY, J.C.S.B. História oral, como fazer, como pensar. SP. Ed.Contexto, 1^a.ed., 2007.
- MINNS, M. Da boca para dentro. Caderno Equilibrio. Folha de São Paulo – 19/04/2011.
- SIMSON, O.R.M.V. (ORG). Educação não-formal: Cenários da criação. SP. Ed. da Unicamp / Centro de Memória,2001.

Enviado em: novembro de 2011.

Revisado e Aceito: novembro de 2011.